

UM ESTUDO EXISTENCIALISTA SOBRE A ASSERTIVA “VOCÊ PODE, BASTA QUERER” E IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA DO(A) PSICÓLOGO(A)

Beatriz Dutra Rosa (PIBIC/UEM), Caroline Vitória Stempniak Valin (PIBIC/UEM),
Sylvia Mara de Pires Freitas (Orientadora), e-mail: stempniakcaroline@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Linguística,
Letras e Artes / Maringá, PR.

Área: 70700001 – Psicologia
Subárea: 70705003 – Psicologia Social

Palavras-chave: Liberalismo, Jean-Paul Sartre, Constituição do sujeito.

Resumo:

Apesar de os limites da nossa liberdade se manifestarem a todo tempo, asserções como “Você pode, basta querer” são cotidianamente expressas em diversas áreas de nossas vidas, assim como “Quem quer arruma um jeito, quem não quer arruma desculpa” e também “Querer é poder”. Diante disso, foi proposta uma pesquisa conceitual e exploratória, com o objetivo de desvelar contradições existentes na ideologia que visa fundamentar essas assertivas por determinada concepção de sujeito e mundo. Para isso, foi investigado o contexto sócio-histórico do nascimento dessas proposições e o pensamento dialético de Jean-Paul Sartre sobre a constituição do sujeito para, então, realizar um diálogo entre a concepção de sujeito e mundo da perspectiva sartriana e da que sustenta estas asserções. Por fim, percebeu-se que, pela perspectiva existencialista, pode-se contestar essas assertivas de cunho meritocrático, tendo em conta que sujeito e campo sociomaterial interdependem-se em suas constituições.

Introdução

Em *O existencialismo é um humanismo*, publicado em 1946, Sartre (2014) explica que a máxima que unifica os chamados filósofos existencialistas é a de que “a existência precede a essência”, ou seja, não há uma essência ou natureza humana que nos define. O homem, por conseguinte, será aquilo que ele se tornar conforme seu existir no mundo. Nessa construção em curso, quem nunca se deparou com o sentimento ou relatos de impotência por não se considerar capaz de ser aquilo que deseja, isto é, de existir da forma que gostaria? Considerando a complexidade do impasse entre querer e conseguir, encaminhamos este estudo a fim de desvelar possíveis incoerências nas asserções do tipo “Você pode, basta querer”; “Quem quer arruma um jeito, quem não quer arruma uma desculpa” e/ou “Querer é poder”. Esse tipo de pensamento se funda na ideia de que o indivíduo é autossuficiente para conquistar seu projeto de ser, negando que ele persegue esse projeto estando

inserido em condições construídas social e historicamente, que lhe farão exigências e poderão dificultar a conquista de seus interesses. O existencialismo sartriano serve aqui não só para elucidar os equívocos da ideologia fundante asserções, originárias do pensamento liberal e neoliberal, mas, em especial, como uma alternativa para apreendermos como cada sujeito é livre para se construir no mundo, ainda que essa liberdade não seja arbitrária como aquela representada pelas asserções mencionadas. Esse desvelamento possibilita um posicionamento crítico e reflexivo dentro da área da Psicologia, no intuito de colocar em questão as convicções que sustentam as frases escolhidas na prática de profissionais desta área.

Materiais e Métodos

A elaboração dessa pesquisa é de natureza conceitual e exploratória. Nela utilizamos o método dialético para compreender a complexidade da construção sócio-histórica dessas asserções. Foram utilizados materiais teóricos que versam sobre o tema a ser explorado, como, por exemplo, livros, artigos, periódicos, publicações em sites, entre outros. Dentre eles, destaca-se os escritos autorais de Jean-Paul Sartre e as interlocuções realizadas por outros autores com o pensamento desse filósofo existencialista.

Resultados e Discussão

Em um primeiro momento, buscou-se aprofundar nas concepções que sustentam as assertivas supracitadas, sendo elas as ideologias liberais e neoliberais. Segundo Várnagy (2006) essas ideologias não se limitam à economia, estando também relacionadas às condutas morais e éticas, em âmbito social e individual. A partir de uma compreensão histórica do surgimento dessas teorias econômicas, perpassando John Locke e Adam Smith, é possível perceber que se relacionam com uma transição da hegemonia da igreja para a concepção indivíduo, deixando para trás o absolutismo do Estado rumo a aspirações democráticas. Destaca-se a noção de liberdade ligada à posse privada. Segundo Várnagy (2006), essa lógica se desenvolve também a partir dos interesses da burguesia, que precisava de espaço na máquina estatal para o funcionamento de sua almejada produtividade e acúmulo de propriedade - tese defendida por John Locke, um dos principais autores do liberalismo. Desse protagonismo individual advém o senso de individualismo que norteia o neoliberalismo, ao centrar essa liberdade de propriedade e acumulação sem fortes intervenções estatais. Como situado, o neoliberalismo extrapola sua função de teoria econômica e se ramifica em outros aspectos da vida humana.

Para explorarmos esse tema, ainda que esse processo não seja o único, exploramos o movimento de objetivação do indivíduo pela lógica neoliberal dentro do espaço religioso. Esse fenômeno é chamado de Teologia da Prosperidade (TP), um novo paradigma de religiosidade dentro do cristianismo. Nele, ao invés de uma relação de subordinação do indivíduo a Deus, há uma espécie de acordo contratual entre ambos, sustentado pela justificativa de que Deus deseja prosperidade financeira e saúde a seus seguidores. Xavier (2009) menciona que, segundo a TP, é garantido

ao fiel o direito de viver uma felicidade integral ainda no plano terreno, bem como saúde e prosperidade financeira. Para desfrutar dessas benesses basta pagar o dízimo e exigir, em voz alta, sua parcela de felicidade terrena. Ao colocar a condição de benção e de prosperidade na “força de vontade” do indivíduo, aqueles que não atingem seus desejos são considerados indivíduos de pouca fé, sendo responsabilizados por seus infortúnios, sem considerar que seus problemas se dão na relação com a dimensão social.

Sobre a noção sartriana de liberdade e da necessidade de se considerar as condições sociomateriais em que os indivíduos se inserem, Sartre (2015) parte do princípio de que a consciência não é substancializada. Sendo, portanto, vazia, intenciona sua essência na relação com o mundo, direcionando-se a ele. É por meio dessa ausência fundamental de ser da consciência que se inaugura o Nada, ou seja, historicamente é a partir da consciência humana que se passa a conservar, modificar e construir o mundo, afirmando ou negando aquilo que está posto e transcendendo em direção a um futuro a ser edificado.

Para sustentar essa tese, Sartre (2015) realiza um diálogo entre o Ser (Em-si, mundo) e o Nada (consciência, Para-si). A primeira dimensão refere-se ao que é ou está totalizado, inerte, como o passado; e a segunda à instância da liberdade, que pode, em curso, legitimar o que está posto ou criar o novo. São instâncias interdependentes, dado que a consciência só pode existir por estar situada em um corpo, com um passado fechado (Em-si), e o indivíduo só pode ser determinado, por ter consciência e estar em relação com o mundo. A liberdade em Sartre, no entanto, só é possível por ocorrer em situações concretas que limitam seus possíveis e que podem ser negadas.

O conceito chave para entendermos a construção de si é o projeto. Aquilo que fomos no passado nos indicam como devemos Ser no futuro, mas podemos negar essas exigências e transcendê-las de maneira diversa. No entanto, Sartre (2015) explicita que os projetos de cada indivíduo não são arbitrários ou baseados somente em suas vontades. Para conquistar o que projeta ser, o indivíduo precisa que as condições em que realiza seu projeto fundamental e os secundários que daquele oriundam, possibilitem sua conquista. À vista disto, não basta que os indivíduos queiram algo, e conseqüentemente, obterão. O poder ter não depende somente dele, visto que, como mencionamos, ele realiza seu projeto em condições sociomateriais. Ademais, qualquer conquista não é realizada sozinha, dado que os meios concretos pelos quais percorremos em direção ao que intentamos; os recursos dos quais precisamos, os valores construídos socialmente pelos quais embasamos nossas escolhas, dentre outras condições, são construídos também por outros indivíduos e indispensáveis ao nosso êxito.

Conclusões

As ideologias liberal e neoliberal, ao se valerem do conceito de liberdade, o forjam para desresponsabilizar o Estado e os grupos hegemônicos de seus compromissos com a sociedade; sendo, inclusive, corroborada pelo campo religioso. O pensamento sartriano, por sua vez, ao buscar restabelecer a humanidade do sujeito no campo sociomaterial, ou seja, ao inserir a subjetividade nesse campo, assevera a

impossibilidade de se compreender a construção histórica negando que ela seja construída pela multiplicidade de singularidades e de que casa historicidade não seria possível se não fosse construída na dimensão sociomaterial.

No entanto, foi essa ideologia que apregoa uma liberdade não situada que fundamentou a criação de uma Psicologia à serviço do capitalismo, e que ainda é vivente. Percebe-se que essas assertivas ainda ecoam em saberes e fazeres de profissionais da Psicologia que creem que a biografia de um sujeito pode ser escrita por ele sem depender de outras pessoas. A crença na autossuficiência é contraditória, tendo em conta que também desampara a pessoa em seu sofrimento que é produzido em condições sociais.

Agradecimentos

Agradecemos a orientadora desta pesquisa, por todo o suporte e aprendizado; aos amigos e familiares pelo apoio emocional e estrutural, e à Universidade Estadual de Maringá, pela formação excepcional e pela concessão da bolsa, que possibilitou a produção da presente pesquisa de iniciação científica.

Referências

SARTRE, J. P. **O Existencialismo é um Humanismo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 24 ed. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2015.

VÁRNAGY, T. O pensamento político de John Locke e o surgimento do liberalismo. *In*: BORON, A. A. **Filosofia política moderna**: de Hobbes a Marx, 1. ed. Buenos Aires; São Pablo: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, p. 45-79, 2006.

XAVIER, E. T. Teologia da Prosperidade: história, análise e implicações. **Kerygma - Revista Eletrônica de Teologia**, v. 5, n. 2, p. 120-147, 2009. Disponível em: <<https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/202/203>>. Acesso em: 30 set. 2021